

RAIMUNDO MARQUES DA CRUZ NETO

VOLUNTÁRIOS DE PAU-E-CORDA

**Belém
2010**

**Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de História**

Raimundo Marques da Cruz Neto

VOLUNTÁRIOS DE PAU-E-CORDA

**Trabalho apresentado na disciplina
“Historiografia da Amazônia”, ministrada
pelo Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas
Neves, como requisito avaliativo.**

**Belém
2009**

VOLUNTÁRIOS DE PAU-E-CORDA

Raimundo Marques da Cruz Neto

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar dois contos do final do século XIX: *O voluntário da pátria* (1886) de José Veríssimo e *O voluntário* (1893) de Inglês de Souza. Escritos dentro da estética naturalista, estes textos abordam o drama do recrutamento forçado para o serviço militar na Amazônia durante a Guerra do Paraguai, contando ainda com a preocupação em descrever o meio ambiente e os habitantes da região.

Zeferina, em pé na praia, abandonada e só no meio da multidão, a quem era e que lhe era desconhecida e indiferente, olhava por entre o véu das suas lágrimas o filho, que seus olhos de mãe distinguiam entre (...) soldados apinhados à proa do vapor embandeirado, que os devia levar.

José Veríssimo. “*O Voluntário da Pátria*”.

Ainda há bem pouco tempo vagava pela cidade de Santarém uma pobre tapuia doida. A maior parte do dia passava-o a percorrer a praia, com o olhar perdido no horizonte, cantando com voz trêmula e desenxabida a quadrinha popular: “Meu anel de diamantes/ caiu na água e foi ao fundo/ os peixinhos me disseram/ viva D. Pedro Segundo!”

Inglês de Souza. “*O Voluntário*”.

Tia Zeferina e Tapuia Rosa. Duas personagens da literatura brasileira, duas moradoras dos rincões da Amazônia, duas mães assemelhadas pela mesma sina: ver seus únicos filhos serem levados a força, paradoxalmente na condição de “voluntários”, para combater junto às tropas brasileiras na Guerra do Paraguai. O estudo destes dois pequenos contos, *O Voluntário da Pátria* de José Veríssimo e *O Voluntário* de Inglês de Souza, contribui para a reflexão sobre uma prática bastante comum nos anos daquele conflito: o recrutamento compulsório.

Antes de tudo, alguns pontos de aproximação na biografia dos autores merecem destaque, ambos nasceram em Óbidos, foram ligados a escola naturalista e participaram da fundação da Academia Brasileira de Letras. José Veríssimo Dias de Mattos (1857/1915) é tido como um dos primeiros e mais importantes críticos literários brasileiros, sua obra mais conhecida versa sobre a história da literatura, mas seus contos e ensaios estão profundamente marcados por uma observação etnográfica, funcionando como fonte e objeto de pesquisa em

diversos trabalhos acadêmicos contemporâneos¹. O texto que utilizamos neste trabalho é retirado da coletânea denominada *Cenas da Vida Amazônica* (1886)

Herculano Marcos Inglês de Souza (1853/1918) foi um dos maiores literatos brasileiros da segunda metade do século XIX, considerado por muitos como o introdutor da escola naturalista na literatura brasileira². Sua obra é constituída de poucos livros, mas em todos é possível observar a forte presença do homem e da paisagem amazônica, são eles: *O Cacauleta* (1876), *Histórias de um Pescador* (1876), *Coronel Sangrado* (1877), *O Missionário* (1891) e *Contos Amazônicos* (1893). O conto *O Voluntário* foi extraído deste último livro.

Veríssimo e Inglês de Souza contam histórias de duas mulheres com idades avançadas, inicialmente entretidas em suas tarefas cotidianas. A personagem do primeiro autor é Zeferina, dedicada à fabricação de farinha e do tucupi. A outra é Rosa, descrita como uma hábil tecelã de redes, cuja fama é conhecida nas localidades vizinhas. As duas são dependentes da pesca de seus filhos, Quirino e Pedro respectivamente, os rapazes são apresentados como caboclos fortes, sempre dispostos a prestar auxílio aos membros da comunidade em que vivem.

A trama dos dois contos é acionada com a chegada de enviados do serviço de recrutamento ao sítio das protagonistas. No texto de Veríssimo, o responsável é o subdelegado Chico Cabano, com quem Quirino tem algumas desavenças, nascidas do fato deste ser eleitor de Major Rabelo, representante local do grupo político combatido por Cabano. Inglês de Souza apresenta Capitão Fabrício, acusado pelo autor de ter praticado *as maiores atrocidades, tendo por única lei o seu capricho*³.

Com a entrada em cena dos personagens Chico Cabano e Capitão Fabrício, é possível observar o jogo de interesses políticos ao qual o recrutamento estava ligado. A condição de filho único de mãe sozinha⁴ deveria proteger Quirino e Pedro do alistamento, contudo, mediante a ação arbitrária dos recrutadores, a família não dispunha de grandes recursos ou de padrinhos suficientemente interessados em salvá-las da desgraça de ver seu varão marchar rumo à guerra do sul.

¹ Acerca de José Veríssimo e seus estudos etnográficos cf.: **BEZERRA NETO**, José Maia. *José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia (1877/1915)*. Dados, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 539-564, 1999.

² Verifica-se com maior frequência a atribuição deste título a Aluizio de Azevedo, devido sua obra "O Mulato", publicada em 1881, contudo, Inglês de Souza já se valia de elementos característicos desta estética em suas obras dos anos setenta deste século.

³ **SOUZA**, Inglês de. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p.27

⁴ O advogado contatado por Rosa usa este argumento em favor de Pedro. **SOUZA**, Inglês de. *Opcit.* p.32

José Veríssimo descreve o drama de Zeferina percorrendo os caminhos de seu sítio, no Paraná-mirim de Villa-Bella, até Manaus, com a finalidade de encontrar alguém que possa ajudar a evitar a partida de seu filho. A senhora inicialmente procura pelo Major Rabelo, liderança local que lhe empresta dinheiro para que possa chegar até Manaus. Nesta cidade trava contato com Doutor Seixas, superior de Rabelo no partido. A velhinha chega mesmo a esperar durante alguns dias por uma audiência com o presidente da província, este, no entanto, alega não ser de sua competência dispensar ninguém do recrutamento. Um guarda, oriundo da mesma localidade de Zeferina, contesta este fato:

*- Qual não póde, nem meio não póde, Quizesse elle! Ainda hontem mandou soltar o Thomaz, irmão da Geralda do Taruman, que disque é moça dele.*⁵

Esta passagem revela a importância de uma boa articulação política para fim de livrar alguém do recrutamento. Desprovida de um contato efetivamente influente para ter seu pedido atendido, Zeferina continuará vagando em busca de uma solução para o seu drama, chega a ter uma conversa com um dos médicos responsáveis pela avaliação física dos recrutados, este demonstra interesse em ajudá-la, mas não consegue influenciar a junta que realiza os exames, não conseguindo diagnosticar Quirino como inválido para o serviço militar. A senhora iria de fato ver seu rebento embarcar no vapor que o levará a encontro de seu destino.

A mesma busca por alguém que pudesse interceder em favor do filho pode ser percebida no conto de Inglês de Souza. A tapuia Rosa encontra auxílio em um advogado⁶, cuja ação é bastante solidária aos interesses da senhora, intervindo junto ao juiz de direito e reivindicando a liberação de Pedro, posto ser este filho único de mulher viúva. O defensor chega a ter esperança de livrar o rapaz quando assiste ao embarque dos recrutados e não identifica o filho da tapuia, entretanto, acaba se vendo frustrado ao saber que ele teria embarcado, horas antes, em uma canoa que lhe conduzira ao vapor.

Devemos somar ao sentimento de impotência e injustiça com o qual as protagonistas das duas histórias são descritas, o uso de coerção física e psicológica contra elas, elementos que acabam caracterizando o processo de recrutamento descrito pelos autores. A tapuia Rosa é vítima de agressão violenta por parte dos homens do Capitão Fabrício. Numa desesperada e impossível tentativa de evitar que seu filho fosse levado, a senhora se engalfinha com os

⁵ VERÍSSIMO, José. *Cenas da Vida Amazônica*. Lisboa: Tavares Cardoso & irmão, 1886. p.192.

⁶ Profissão também exercida por Inglês de Souza.

recrutadores, terminando por ser dominada. Rosa é descrita como tendo ficado *desgrenhada, com os vestidos rotos, coberta de sangue, soltando bramidos de fera parida*.⁷

A violência descrita por José Veríssimo não chega ao extremo das agressões físicas narradas por Inglês de Souza, o que não quer dizer que a tensão psicológica do recrutamento de Quirino tenha sido menor que a de Pedro. Tia Zeferina sofrerá algumas ameaças verbais por parte de Chico Cabano, a quem chama de “meu branco”, segundo Veríssimo uma forma dos habitantes do interior da Amazônia do século XIX atestarem a superioridade de seus interlocutores. Cabano, ao perguntar por seu filho, teria dito: *si você não me diz onde é que elle está, eu lhe mando amarrar no esteio do rancho. Você sabe que eu não sou de brinquedo*.⁸

As descrições de um recrutamento feito com base na brutalidade justificam o título “voluntários de pau-e-corda”, expressão causticamente usada pelo personagem padre Pereira, do conto de Inglês de Souza.⁹ Ela indica a grande contradição verificada nesta prática, visto que os futuros combatentes são apresentados como voluntários, espontaneamente dispostos a lutar e morrer por sua pátria combatendo o “Demônio Lopes”, uma terminologia que escamoteia o caráter compulsório de seu alistamento. Veríssimo e Inglês de Souza ocupam-se em descrever o desfile dos “voluntários” que embarcam para a guerra, não se furtando em colocar ênfase na melancolia do espetáculo:

(...) já pouco depois do meio-dia chegou o batalhão, quasi em sua totalidade composto de recrutas bisonhos, grotescamente vestidos nas fardas novas, muito folgadas em uns, muito apertadas em outros (...). Os sapatos grossos, que muitos delles calçavam pela primeira vez, magoavam-lhes horrivelmente os pés, vedando-lhes o andar desembaraçado.¹⁰

A cena elaborada por Inglês de Souza complementa o relato acima, descrevendo mais do que as ridículas indumentárias dos combatentes, ajuda a penetrar no ambiente psicológico daqueles que marchavam como “voluntários”:

Iam cabisbaixos, uns corridos de vergonha, como criminosos obrigados a percorrer as ruas da cidade nas garras da justiça; outros resignados e imbecis, como bois caminhando para o matadouro; outros ainda procurando encobrir sob uma jovialidade triste as amarguras íntimas; todos marchando maquinalmente,

⁷ SOUZA, Inglês de. *Opcit.* p.30

⁸ VERÍSSIMO, José. *Opcit.* p.164-165.

⁹ SOUZA, Inglês de. *Opcit.* p.34

¹⁰ VERÍSSIMO, José. *Opcit.* p.199

*alheios ao que se passava e dizia em redor de si, e oferecendo um aspecto de apatia covarde e idiota.*¹¹

A população que assiste ao triste espetáculo reage de diferentes modos: as mães, irmãs e noivas choram pela partida dos seus, tomadas pela certeza de que dificilmente tornarão a vê-los. As crianças entusiasmam-se com o desfile dos “voluntários”, buscando o melhor ângulo para assistir sua passagem. Há ainda os que conseguem vislumbrar a artificialidade daquela pretensa “voluntariedade”, como o caso do já citado padre Pereira. Finalmente temos as autoridades locais, descritas com maestria por Veríssimo, estas buscavam instigar a bravura dos combatentes amazônidas, destacando a responsabilidade e a honra de que são agora portadores, mas elas próprias estavam prontas para retornar às suas confortáveis cadeiras, muitos quilômetros distantes dos campos de batalha paraguaios.

José Veríssimo e Inglês de Souza descrevem cenários e personagens inspirados em uma realidade que certamente conheceram, ainda que ambos tenham muito cedo abandonado a Amazônia para completar seus estudos em outras regiões. A lente com que os dois descrevem sua terra natal revela grande poder de observação e a grandiosidade da floresta não é capaz de esconder a força de seus personagens. O tapuio aparece nas páginas de Inglês de Souza como um “tipo amazônico”, descrito como contemplativo e melancólico, confortável junto à natureza, mas sufocado quando no espaço urbano. Algo semelhante pode ser visto em Veríssimo, especialmente na passagem em que Zeferina espera a audiência com o presidente da província, sua voz baixa e tímida e seus modos encabulados revelam todo o seu desconforto em estar no palácio do governo, lugar a que certamente não se sente parte.

Textos curtos, histórias muito parecidas, autores que carregam uma bagagem intelectual com grandes pontos de aproximação. A análise conjunta de *O Voluntário da Pátria* e *O Voluntário* permite visualizar certa complementaridade entre as obras. Enquanto leitores, levados pelas criações de Veríssimo e Inglês de Souza, podemos imaginar que o vapor que saiu de Manaus, levando Quirino, filho da tia Zeferina, atracou em Santarém, para pegar Pedro, filho da Tapuia Rosa. Enquanto historiadores, podemos exercitar o trabalho com as fontes literárias, recuperando elementos da vida amazônica do século XIX, recebendo preciosas informações sobre o trabalho, os costumes e as relações sociais. Como pano de fundo, temos a guerra, causando temor no imaginário tapuio e desarticulando relações familiares.

¹¹ SOUZA, Inglês de. *Opcit.* p.33

BIBLIOGRAFIA

BEZERRA NETO, José Maia. *José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia (1877/1915)*. Dados, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 539-564, 1999.

SOUZA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

VERÍSSIMO, José. *Cenas da Vida Amazônica*. Lisboa: Tavares Cardoso & irmão, 1886.